

## **RESENHA**

# **MEDICINA E POLÍTICA EM TEMPOS DE PAN- DEMIA:**

Ensinamentos históricos de ciência e sociologia

Medicine and politics in pandemic times: teachings of science and sociology

Mayler Olombrada Nunes de Santos<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 24/07/2020.

Artigo aceito em: 02/08/2020.

### **RESUMO:**

A Grande Gripe narra a pandemia de gripe espanhola ocorrida em 1918, descrevendo como um pequeno vírus emergiu no interior do Estados Unidos para causar a morte de milhões de pessoas em todo o mundo. O autor apresenta a transformação vivida pela ciência e medicina, oferece relatos sobre a primeira guerra mundial e os bastidores do poder e da política que influenciam na limitação do homem diante da força a natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia; Gripe espanhola.

### **ABSTRACT:**

The Great Flu chronicles the Spanish flu pandemic that occurred in 1918, describing how a small virus emerged within the United States to cause the deaths of millions of people worldwide. The author presents the transformation experienced by science and medicine, offers reports on the first world war and the backstage of power and politics that influence the limitation of man in the face of force to nature.

**KEYWORDS:** Pandemic; Spanish flu.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). MBA Internacional em Gestão Empresarial - Empreendedorismo e Inovação - pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) / Universidad de Mondragón. Graduado em Medicina pela UFG com especialização em Clínica Médica e Cardiologia. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3101472478227026>. E-mail: [mayler.olombrada@gmail.com](mailto:mayler.olombrada@gmail.com).

Em *A Grande Gripe*, John Barry demonstra como durante a primeira guerra mundial iniciou-se o surto de gripe nos Estados Unidos da América, que rapidamente se espalhou por todo o mundo, causando o maior número de mortes por uma epidemia em toda a história. A partir desse mote, o autor apresenta a evolução científica que ocorreu na medicina no começo do século XX, com uma corrida contra o tempo para se compreender a doença e encontrar uma cura, refletindo sobre como as questões políticas influenciaram o cenário e quais lições podem ser aprendidas para não se incorrer nos mesmos erros em pandemias futuras.

John M. Barry é historiador e jornalista americano, autor de livros que versam sobre política, desastres ambientais e saúde, temas que se juntam em sua obra *A Grande Gripe*, que se tornou extremamente atualizada em face à pandemia de Covid-19 ocorrida em 2020. Barry atuou como consultor de instituições como o Massachusetts Institute of Technology's (MIT), Johns Hopkins School of Public Health, além de escrever para os principais periódicos americanos, alguns de outros países e ter atuado junto à administração federal, em diferentes governos.

A obra é dividida em dez partes, sendo que a primeira é a mais extensa, intitulada “OS GUERREIROS”, onde o autor faz uma viagem pela história da medicina a fim de evidenciar as transformações ocorridas ao longo do tempo até o ano de 1918, quando o mundo vivia a primeira guerra mundial e concomitante a isso iria testemunhar a maior epidemia já relatada, culminando com a morte de 50 a 100 milhões de pessoas.

Barry nos mostra que a medicina surgiu com Hipócrates a partir do uso da observação e raciocínio, sendo que posteriormente seria dominada pelo paradigma da teoria humoral, em que a doença era vista como um desequilíbrio entre os quatro humores que compunham o corpo (sangue, fleuma, bile negra e bile amarela). Essa teoria, divulgada por Galeno, apoiava-se na ideia vigente de um mundo regido por quatro elementos (terra, água, ar e fogo), além de quatro estações (primavera, verão, outono e inverno) e quatro aspectos ambientais (quente, frio, seco e úmido). Por conseguinte, os tratamentos eram ações purgativas que visavam a eliminação dos venenos que atacavam o corpo, com o uso de substâncias eméticas, laxativos e, principalmente,

as sangrias que por séculos foi muito importante, tanto que até hoje, em pleno século XXI, uma das revistas de maior prestígio internacional, na área de saúde, intitula-se “The Lancet” (literalmente, a lanceta, instrumento utilizado para realização de sangrias).

A partir do século XVII a filosofia desenvolveu os princípios do método científico com a obra de Descartes, além do empirismo britânico, composto por nomes como Francis Bacon, John Locke e David Hume, que propunha hipóteses a partir da observação de como algo acontecia. Em 1798, o médico Edward Jenner desenvolve a vacina contra a varíola pela constatação de que indivíduos que eram acometidos por varíola bovina não desenvolviam a forma humana, mais grave. Na década de 1840, John Snow desenvolve a epidemiologia, correlacionando as epidemias de cólera com o consumo de água contaminada.

O autor considera que o surgimento da teoria microbiana como causadora de doenças seria a base para a transformação na saúde, cujos reflexos seriam notados no enfrentamento à grande gripe que estaria por vir. Pasteur evidenciara, em 1860, que organismos vivos causavam fermentação, Joseph Lister propusera condições antissépticas para redução de complicações durante cirurgias e Robert Koch isolara o bacilo do antraz e a bactéria causadora da tuberculose, suplantando a teoria miasmática que associava as doenças à inalação de supostos vapores tóxicos.

Barry assinala que essa evolução científica foi refletida na questão do ensino médico. Nos Estados Unidos da América, os alunos podiam ser reprovados em diversas matérias, não tocar um único paciente e mesmo assim receber diploma de médico, com um curso cuja duração era de dois períodos de quatro meses de aulas. Nesse cenário iriam despontar nomes que transformariam a realidade norte-americana, como os médicos Flexner e William Welch, que participaram na criação e desenvolvimento de institutos de pesquisa como o Rockefeller (agraciado com vários prêmios Nobel) e de universidades como Johns Hopkins. Chegaram a fechar 120 das 150 escolas de medicina existentes à época e levaram a ciência para o ensino, conciliando pesquisa, arte e prática.

Enquanto Welch identificava pessoas promissoras e as inspiravam a desenvolver pesquisas promissoras, Flexner criou um soro para tratar meningite antes mesmo da descoberta dos antibióticos. Segundo o autor, outros médicos destacados foram Rufus Cole, que desenvolveu uma vacina contra pneumonia, William Park e Anna Williams, com pesquisas em bacteriologia e da anti-toxina contra difteria. Além de Paul Lewis, que descobriu ser um vírus o causador da poliomielite, Oswald Avery, com inúmeras pesquisas sobre o *B. influenzae* e a descoberta do papel dos genes presentes na molécula de DNA, inaugurando um novo campo da ciência, e Richard Shope, que provou ser a gripe causada por um vírus e não por bactérias como apontado por inúmeros outros pesquisadores.

Na segunda parte, “O ENXAME”, Barry expõe que a epidemia da grande gripe surgiu em março de 1918, no estado do Kansas e se disseminou pelas bases militares americanas até ser exportada junto aos soldados que iam lutar na Europa. O vírus influenza reside, naturalmente, em aves aquáticas silvestres, e ao sofrer mutações adquire a capacidade de infectar os humanos, podendo passar por um mamífero intermediário, como os suínos. À medida que surgem novas mutações ocorrem surtos periódicos, como na epidemia de gripe aviária por H5N1, em 1997, Hong Kong, e gripe suína em 2009, pelo H1N1.

A rápida propagação dessas pandemias tem relação com a questão das espacialidades, pois a maior concentração de pessoas no espaço urbano em detrimento do rural e o compartilhamento de residências por diversas famílias de baixo poder aquisitivo contribuíram para o contágio disseminado. A terceira parte do livro, “BARRIL DE PÓLVORA”, ilustra os médicos se propuseram a realizar alterações espaciais para ajudar no controle da doença, por exemplo, com a criação de hospitais de isolamento, segregando os enfermos de doenças contagiosas dos demais.

O poder de transmissão do vírus era tão grande que em abril já haviam doentes na França e Itália, no mês seguinte já atingira Alemanha, Espanha, Índia e China. Em junho ocorreram casos no Reino Unido e em setembro atingira Austrália e Nova Zelândia. Foram seis meses para causar vítimas em todo o planeta, cenário exposto na parte IV, “O INÍCIO”.

Na visão do autor, tão importante quanto o avanço da medicina foram as questões políticas. Se por um lado os médicos estavam determinados a evitar que se perdesse mais vidas por enfermidades que por ferimentos de combate, o negacionismo de alguns governantes deve ter contribuído em muito no número de mortos.

O general William Gorgas tinha se destacado pelo combate aos mosquitos causadores de febre amarela e malária, em Havana e no canal do Panamá, e era o responsável pela política de saúde do exército. Gorgas conseguiu controlar uma epidemia de sarampo e implantou medidas de quarentena para impedir a transmissão de doenças entre as bases militares, bem como de soldados para a população civil, todavia muitas de suas determinações foram ignoradas pelos políticos da época.

Na quinta parte da obra, “A EXPLOSÃO”, é descrito o cenário caótico, onde em uma única base americana mais de 1500 soldados ficaram doentes em único dia, com 75% necessitando de hospitalização. Em seis dias a ocupação de um hospital passou de 610 para 4.102 enfermos internados. A base militar de Camp Pike com 70 mil soldados chegou a ter 13 mil hospitalizados simultaneamente. Faltavam caixões para tantos mortos, funerais foram proibidos, famílias tinham que cavar a própria cova, valas comuns eram utilizadas para enterros em massa, corpos eram deixados do lado de fora das casas para serem recolhidos e outros ficavam por dias dentro de casa, compartilhando a cama com o cadáver, pois todos estavam doentes demais até para tirar o corpo de casa. Médicos e enfermeiras também estavam morrendo, crianças morreram de fome por não ter ninguém para alimentá-las; só em Nova Iorque estima-se que 21 mil ficaram órfãos.

“Rapazes deitados em macas no chão, esperando que morressem os que ocupavam as camas para ficar em seu lugar. Toda manhã as ambulâncias vinham, e carregadores de macas levavam os marinheiros doentes para dentro e os cadáveres para fora [...] as enfermeiras envolviam mais de um paciente vivo em lençóis e colocavam uma etiqueta no dedão do pé esquerdo. Economizava tempo, já que elas estavam exaustas. Eram etiquetas de transporte, listando o nome do marinheiro, sua posição e a cidade natal [...] ‘corpos no necrotério, empilhados do chão ao teto, como lenha’” (BARRY, 2020, p. 220-221).

Os sintomas e gravidade eram variados, como informado na parte VI denominada “A PESTILÊNCIA”, indo de febre e calafrios a otite e perda de olfato, cefaleia até cianose e hemorragias. Alguns morriam em 12h do início dos sintomas, sendo que a maioria das vítimas era de jovens. Ninguém tinha certeza sobre a causa da pandemia e pensavam em várias doenças como tifo, cólera, peste e malária, tentando qualquer tratamento que imaginassem, de quinino usado contra a malária a água oxigenada na veia para tentar levar oxigênio ao sangue. Fluidos de bolhas da pele com morfina, estricnina e cafeína ou injeções de mercúrio, enemas de leite morno e gargarjo de desinfetantes.

Barry aponta uma taxa de mortalidade de 10% em Paris e 20 milhões de mortes apenas no subcontinente indiano. Estima-se que 5% da população mundial morreu, a metade tinha de 21 a 30 anos. Proporcionalmente equivaleria à morte de 425 milhões de pessoas com base na população mundial do início do século XXI. “A gripe matou mais pessoas em um ano do que a peste bubônica da Idade Média em um século; matou mais pessoas em 24 semanas do que a AIDS em 24 anos” (BARRY, 2020, p. 13).

Na sexta parte da obra (“A CORRIDA”), o autor mostra que enquanto os médicos corriam contra o tempo para encontrar a causa da doença, uma cura e uma vacina preventiva, os políticos minimizavam o risco da pandemia, afirmavam à imprensa que a causa das mortes era outra, que as informações seriam exageradas, um alarmismo desnecessário, insistindo no negacionismo e avisando que não havia risco de epidemia. Eventos públicos não foram cancelados para evitar perda econômica, com garantia de que não havia perigo. A maior parada da história da Filadélfia fora realizada em 28 de setembro para arrecadar recursos para a guerra e apenas dois dias depois tiveram que declarar que a epidemia estava presente entre civis.

Na visão do autor, o presidente dos EUA, Woodrow Wilson, ao se decidir pela participação americana na guerra tinha o objetivo não de preparar os soldados, mas o país para a guerra. Por isso implantou uma lei de espionagem e censura a imprensa. Justamente a falta de liberdade de expressão teria sido o motivo da grande

gripe ter ficado conhecida como Gripe Espanhola, pois a Espanha, ao se manter neutra durante o conflito mundial, divulgava na imprensa as notícias sobre a epidemia, diferentemente dos países em guerra que censuravam as notícias.

Outra iniciativa do governo foi a criação da Liga de Proteção Americana com o objetivo de espionar e atacar quem era contra a guerra. Trabalhadores sindicalistas eram considerados apoiadores da Alemanha e mais de mil pessoas foram trancadas em vagões e abandonadas no deserto. Pessoas eram arrastadas pelas ruas amarradas a um carro até terem suas pernas desintegradas pela abrasão e depois enforcadas em local público, entre outros linchamentos.

Mesmo com a ressalva dos médicos do exército, insistiam em enviar soldados enfermos para a Europa, e os navios passaram a ser caixões flutuantes, com corpos sendo jogados ao mar, com várias mortes a cada hora. Aqueles que chegavam vivos não tinham condições de lutar. Na oitava parte (“O DOBRAR DO SINO”), o autor afirma que mesmo com rendições dos países inimigos, mais soldados eram enviados, a epidemia atingiu o auge em setembro de 1918, poucas semanas antes da paz, a guerra acabou mas a epidemia seguiu.

A obra de Barry transmite a importância das decisões políticas nas questões da saúde pública. Se por um lado o avanço científico possibilitou o entendimento sobre os mecanismos patológicos das doenças, com controle de transmissão de algumas, vacinas e tratamentos para outras, parte do resultado foi solapado pelo negacionismo e ocultação da verdade pelos políticos. Nesse sentido o autor faz referência à epidemia de SARS (*Severe Acute Respiratory Syndrome*) por coronavírus ocorrida em 2003 na China, em que o governo chinês escondeu as informações das autoridades mundiais, contribuindo para sua disseminação.

Por fim, o autor expõe nas últimas duas partes, “PERMANÊNCIA e FIM DE JOGO”), que as últimas vítimas da grande gripe foram a paz mundial e a morte de Paul Lewis. Wilson ficara gripado durante a discussão do acordo de paz, após o fim da primeira guerra mundial, e teve como complicação um acidente vascular cerebral que alterou seu comportamento, podendo ter contribuído para uma mudança de

postura ao aceitar os termos que atribuíam à Alemanha a assunção de toda a responsabilidade pela guerra, o que causou dificuldades econômicas que levou a uma reação nacionalista e a ascensão de Adolf Hitler. Já Lewis, frustrado por não ter conseguido encontrar a cura contra a gripe, foi estudar a febre amarela no Brasil, morrendo no Pará em junho de 1929, vítima da doença que estava a investigar.

A obra de Barry é ideal para pessoas interessadas em uma abordagem interdisciplinar da história, apresentando como diferentes áreas se entrelaçam para uma melhor compreensão dos fatos, expondo o grande problema da relação entre governo e verdade. A relevância e contemporaneidade do tema fica evidente ao se constatar que a discussão realizada há um século é a mesma feita nos dias de hoje em face à pandemia de Covid-19, desde alterações espaciais no âmbito da arquitetura e urbanismo para criação de espaços que possibilitem o convívio com menor risco de transmissão de doenças, à busca de uma cura através da ciência e o reflexo das decisões políticas que convertem o espaço em agente produtor das relações humanas.

## REFERÊNCIAS

BARRY, John M.. **A grande gripe: a história da gripe espanhola, a pandemia mais mortal de todos os tempos**. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.